

PRÁTICAS DE ORGANIZAÇÃO NA (RE)ORGANIZAÇÃO DA CIDADE: ETNOGRAFANDO A PROCISSÃO DO FOGARÉU NA CIDADE DE GOIÁS

ORGANIZATIONAL PRACTICES IN THE (RE) CITY ORGANIZATION: ETHNOGRAPHY OF THE FOGARÉU PROCESSION IN THE CITY OF GOIÁS

Josiane Silva De Oliveira¹
Euna Mendes²
Bárbara Franco Lopes³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender como as práticas organizativas da Procissão do Fogaréu influenciam a organização da cidade de Goiás, Goiás. Para tanto, nos reportamos às discussões de Certeau (2008) sobre os conceitos de práticas e cidades para debatermos como a organização de um evento de caráter temporário, uma procissão, influencia os modos de produção, utilização e os de habitar nas urbes de forma permanente. A estratégia metodológica utilizada foi a etnografia, sendo desenvolvida por meio de observações participantes na localidade em estudo, assim como entrevistas com os sujeitos que participam desse processo. Como contribuição aos Estudos Organizacionais, discutimos os efeitos das relações entre as práticas organizativas e as cidades na produção do cotidiano da sociedade considerando que o caráter estético, o caráter ético e o caráter polêmico das práticas de organização são articulados pela capitalização do tempo nos processos organizativos.

Palavras-Chave: Práticas organizativas. Cidades. Etnografia. Goiás. Procissão do Fogaréu.

ABSTRACT

The purpose of this research is to understand how the organizational practices of the Fogaréu Procession influence the organization of the city of Goiás, Goiás. We report on the discussions of Certeau (2008) on the concepts of practices and cities to discuss how to organize a event of a temporary nature, a procession, influences the ways of production, use and dwell in the cities on a permanent basis. The methodological strategy to be used was ethnography, being developed through participant observations in the locality under study, as well as interviews with the subjects that participate in this process. As a contribution to Organizational Studies, we intend to discuss the effects of the relations between organizational practices and cities in the daily production of society, considering that the aesthetic character, ethical character and controversial character of organizational practices are articulated by the capitalization of time in processes organizations.

Keywords: Organizational practices. Cities. Ethnography. Goiás. Procession of Fogaréu.

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual de Maringá e do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás.

² Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás

³

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de compreender como as práticas de organização da Procissão do Fogaréu influenciam a organização da cidade de Goiás, no estado de Goiás, este estudo propõe uma discussão sobre cidades tendo por base o campo dos Estudos Baseados em Práticas (EBP). O desenvolvimento dos EBP tem imposto ao campo dos Estudos Organizacionais o desafio de refletir sobre o conceito de práticas e das relações que esse conceito, e fenômeno social, têm com outros fenômenos e teorias sociais. Esse desafio, do ponto de vista teórico, possibilita um olhar multidisciplinar para o desenvolvimento dos EBP, assim como de debates sobre os efeitos das práticas na sociedade, especialmente quando consideramos as práticas como base de constituição das organizações.

Ao considerarmos a cidade como o contexto de constituição das organizações, objetivamos discutir, neste estudo, os efeitos das práticas na sociedade, enfaticamente nas cidades, e como as organizações influenciam o contexto no qual essas cidades estão inseridas.

Para a reflexão teórica, nos valem das proposições de Certeau (2008) por considerar práticas e cidades como fenômenos sociais centrais e por ser um autor reconhecido no estudo das práticas em análises organizacionais (COURPASSON, 2017; OLIVEIRA; CAVEDON, 2017). Segundo Certeau (2008), as práticas são maneiras de fazer no cotidiano, sejam estratégicas ou táticas, e as cidades são efeitos das relações entre as práticas estabelecidas pelos sujeitos sociais. Desse modo, as práticas de organização são práticas de produção das cidades.

O campo de estudo das práticas (ORTMANN; SYDOW, 2018; COURPASSON; DANY; DELBRIDGE, 2017; COURPASSON, 2017; FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011), assim como de cidades (SARAIVA; CARRIERI, 2012) já são estabelecidos na área de Administração, especificamente no campo dos Estudos Organizacionais. Diante disso, este artigo pretende ampliar as discussões acerca desse campo de estudo ao apresentar como a organização de eventos temporários, como as festas, produzem efeitos permanentes nas cidades. Para isso, desenvolvemos um estudo a respeito da Procissão do Fogaréu, realizada em Goiás, cidade do interior do estado de mesmo nome. Essa procissão ocorre nos festejos de Páscoa, sempre na quinta-feira santa, desde 1745, razão pela qual esse evento foi escolhido para estudo.

Segundo dados do IBGE (2018), a cidade de Goiás tem aproximadamente 22 mil habitantes. No período em que ocorre a procissão, é cidade ocupada por mais de 50 mil pessoas, alterando o seu cotidiano e possibilitando geração de renda para os moradores, por

ser o maior evento turístico da localidade.

Para este estudo, foi realizada pesquisa etnográfica multissituada no centro histórico da cidade de Goiás, tombada como patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO, onde a procissão é realizada (DELGADO, 2005). Foram realizadas observações participantes e entrevistas semiestruturadas com os gestores de duas organizações responsáveis pelo desenvolvimento da procissão.

As análises interpretativas do trabalho de campo resultaram no entendimento de que, na conjuntura da cidade estudada, o caráter estético, o caráter ético e o caráter polêmico das práticas de organização são articulados pela capitalização do tempo.

Este artigo está estruturado em cinco seções, além da introdução. No referencial teórico, discutimos práticas e cidade no contexto organizacional, categorias teóricas centrais deste estudo. Nos procedimentos metodológicos, descrevemos como o trabalho de campo foi conduzido e apresentamos a cidade onde a pesquisa foi desenvolvida. Em seguida, discutimos os resultados do trabalho e, ao final, destacamos as contribuições desta pesquisa para as análises organizacionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos, a seguir, o referencial teórico a partir da aproximação dos conceitos de práticas e cidades, tendo o conceito de organização como base para o debate sobre construção das cidades. Primeiramente, discutimos o conceito de práticas adotado por Certeau (2008; 1995), evidenciando as suas contribuições para as análises organizacionais. Com base nas ideias desse autor, discutimos as cidades como espaço organizacional.

Práticas de organização

As discussões sobre práticas na área de Administração, especificamente no campo dos Estudos Organizacionais têm possibilitado destacar a vida cotidiana como categoria de análise dos processos organizativos (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Segundo Certeau (2008), destacar o cotidiano como ponto central para estes debates implica reconhecer para além das estruturas estruturantes da vida social (BOURDIEU, 2008); é preciso compreender como os sujeitos sociais resistem e produzem outras existências nesse contexto. Para que isso seja possível, Certeau (2008) destaca um conceito de análise específico: as práticas.

As práticas são nossas maneiras de fazer, nossos ditos e feitos (CERTEAU, 2008).

Constituem polifonias sociais, pois, além de formarem conexões para uma linguagem comum, organizam trânsitos das diferentes formas de experiência do cotidiano, sendo necessário, portanto, compreendermos “como nos servimos” destas práticas (CERTEAU, 1985).

Esta compreensão é proposta por Certeau (2008) a partir de duas formalidades que as práticas constituem na vida cotidiana: as estratégias e as táticas. As práticas estratégicas têm relação com aquilo que nos é dado no cotidiano. Segundo o autor, as estratégias são práticas por que capitalizam as temporalidades e delimitam espaços e, ao controlar e submeter as relações espaço e tempo sob seu arbítrio, as estratégias possibilitam isolar sujeitos de saber e poder (CERTEAU, 2008).

Na área de Administração, o campo dos estudos sobre estratégia apropriou-se e tem se apropriado desse conceito desenvolvido por Certeau (2008) para compreender as práticas estratégicas nas organizações. O conjunto desses estudos, chamado de estratégica como prática, tem evidenciado a necessidade de compreender o cotidiano dos gestores na elaboração, formulação e implementação das estratégias, bem como demonstrar que elas não estão presentes nas práticas de gestores do alto escalão das organizações nem de outros sujeitos que constituem esse cotidiano de trabalho (TSOUKAS, 2017; FENTON; LANGLEY, 2011).

O controle estratégico do tempo possibilita a produção de uma lógica de ação pautada em ganhos futuros para que seja possível manter as estratégias no tempo ou manter o tempo sob o domínio delas. Portanto, as práticas estratégicas têm uma intencionalidade na ação. Em relação à categoria espaço, ao delimitá-lo, as estratégias podem produzir lugares (CERTEAU, 2008). Os lugares caracterizam-se pela existência de um “próprio”, ou seja, locais onde há pertencimentos que podem, portanto, circunscrever fronteiras específicas entre mim e o outro.

Essas fronteiras podem ser de domínio de conhecimento, como a ciência, por exemplo, que possui diferentes áreas de conhecimento e, conseqüentemente, lugares de saber, ou podem ser de materialidade, como os muros de casas, as portas das organizações ou mesmo a própria construção do nosso corpo, como a cor da pele. Neste último caso, a materialidade da raça, evidenciada no corpo pela cor da pele, se estabelece como fronteira simbólica entre os lugares sociais dos diferentes grupos raciais que compõem a sociedade.

Discutir práticas estratégicas e lugares com base nas ideias de Certeau (2008) remete-nos à discussão sobre a constituição de pertencimento do social que pode ser tanto o corpo

humano (quanto os locais nas cidades), cuja materialidade depende do que se está em disputa. (REZENDE; OLIVEIRA, MENDES, 2018; BRUTTOMESSO, 2018).

É preciso considerar que nos servimos das práticas em uma perspectiva estratégica como também em perspectivas táticas. Segundo Certeau (2008), as práticas táticas são aquelas pelas quais nos reapropriamos do cotidiano de modo a multiplicar as formas de existência na vida social. Essa formalidade das práticas, em última instância, forma “a contrapartida e uma rede de antidisciplina” (CERTEAU, 2008).

As táticas ocupam o campo do “outro” agindo na ocasião (CERTEAU, 2008). Portanto, as relações entre tempo e espaço se configuram de diferentes formas em relação às estratégias. No que diz respeito à temporalidade, as táticas agem por improviso, pois não capitalizam o tempo tampouco constituem uma intencionalidade capaz de colocar o tempo sob seu escrutínio. As múltiplas temporalidades constituem as táticas que se adequam à sua dinâmica.

As táticas agem nos lugares e produzem espaços, ou seja, os espaços são os lugares praticados (CERTEAU, 2008). Deste modo, as táticas não isolam elementos do social para a produção de um próprio, mas elas transformam acontecimentos ordinários em ocasião. Por isso, não se sabe quando elas podem acontecer, tendo em vista que elas não calculam quem pode ou não dizer ou fazer algo, mas garantem a existência da disputa. Os espaços são, portanto, locais instáveis, de trânsitos, onde não há padronização do tempo, pois não é possível estabelecer seus pertencimentos.

Como resistência, as táticas não rompem com as estruturas estruturantes, pois não são, por si, revoluções, mas provocam fissuras no estabelecido. A possibilidade de ocorrerem mudanças estruturais depende da ocasião de estabelecimento das táticas. Por isso, Certeau (1985) afirma que as táticas agem em espaços de não pertencimento, onde os sujeitos sociais agem sorrateiramente na tentativa de obter algum tipo de vantagem em relação ao estabelecido.

Essa ação sorrateira e silenciosa das práticas táticas pode ser considerada dialética na vida cotidiana, pois as forças de alienação e de emancipação são movimentos contraditórios da vida social. (BIGO, 2017; COURPASSON, 2017). Ainda que as estratégias tendem a potencializar um movimento de apropriação do social de modo a demarcar locais e produzir uma cronologia ao tempo, é preciso que esse processo seja questionado, desconstruído ou taticamente desestabilizado, para que ele se reproduza. Sendo assim, as formalidades das práticas não devem ser entendidas como lógicas de oposição binárias, mas como elementos

de “jogos do cotidiano”, por meio dos quais se estabelecem as políticas da vida social, que implicam relações de força em que as disputas entre o estabelecido e as ocasiões fluem processos sociais. Diante do que é imposto estrategicamente aos sujeitos sociais, eles usam da astúcia para driblar essas imposições, como, por exemplo, ao se deparar com uma calçada em uma rua da cidade, utilizam as trilhas para “cortar” caminho, sem que a calçada seja destruída ou reconstruída. Por isso, essas formas de reapropriação do cotidiano pelos sujeitos ordinários constituem maneiras de lutar pela sua sobrevivência e existência (CERTEAU, 2008). Esse sujeito é:

[...] todo mundo e ninguém ao mesmo tempo, é aquele que “mesmo não tendo representatividade na literatura (-o ser marginal-), oferece seu próprio texto dentro daquele estabelecido (-muitas vezes o seu próprio texto é por aquele estabelecido, o seu texto é o da transformação-). Ele reconhece a universalidade que existe em seu texto particular (-seu texto é pelo todo marginalizado-), texto esse que carrega o louco discurso (-louco por ser diferente da regra-) de uma sabedoria sábia. A mudança de curso da escrita é traçada por esse homem ordinário (CERTEAU, 2008).

Nesse sentido, Certeau (2008) define o conceito de práticas para a compreensão dos sujeitos e não o oposto. Esse posicionamento torna-se relevante, pois o entendimento de sujeitos nesse contexto possibilita uma abstração ou um entendimento universal de sua constituição para compreender a vivência desses sujeitos por meio do que eles fazem. Isso possibilita-nos entender as diferentes formas de existências, por meio dos diferentes modos de produção e reapropriação do cotidiano.

No Brasil, essas discussões de Certeau (2008) no campo dos estudos organizacionais foram apresentadas por Domingues, Fantinel e Figueiredo (2019). De acordo com as autoras, ao pesquisarem uma feira livre na cidade de Vitória, Espírito Santo, a forma organizacional estudada emerge a partir de um jogo dialético entre diferentes autores sociais e suas concepções sobre espaço social. As autoras destacam a necessidade de compreensão dos jogos políticos do cotidiano como base de produção de formas organizacionais.

Já Oliveira e Cavedon (2019) destacam que esse jogo político no cotidiano configura-se como lutas políticas ao considerarmos as emoções como dimensão da vida coletiva. Elas podem ser consideradas como práticas, pois são maneiras de fazer que mobilizam humanos e não humanos na produção do social, como afirmam as autoras: “As emoções, ao produzirem efeitos transversais na sociedade, são forças mobilizadoras no âmbito do social” produzindo e conectando diferentes espaços sociais (OLIVEIRA; CAVEDON, 2019, p. 1349).

Certeau (1985) destaca três aspectos fundamentais para a análise das práticas

cotidianas: o caráter estético, o caráter ético e o caráter polêmico. Segundo o autor, o caráter estético destaca a arte de fazer, ou seja, evidencia as maneiras de se utilizar da vida cotidiana, como utilizar um talher, a rua ou as ferramentas de trabalho. Para ele, o caráter estético das práticas constitui os estilos de ação dos sujeitos sociais, que podem ser compreendidos como o modo específico de pôr em prática uma ordem ou um sistema, como, por exemplo, o sistema linguístico, em que o uso de dialetos ou as gírias configura-se o estilo. Nessa perspectiva, Certeau (1985) destaca que o problema das práticas no cotidiano é um problema estético.

Para o autor, o caráter estético das práticas não se traduz em um discurso, mas por seus atos, logo podemos considerar que o estilo não é representação, mas ação. Por isso as práticas não podem ser analisadas fora de seu contexto social, não devem ser universalizadas, mas compreendidas a partir de uma relação específica de tempo e espaço que evidencia a multiplicidade estética das maneiras de fazer. Uma maneira de falar possui um caráter estético que tem relação direta com o contexto no qual foi produzida.

Nas organizações, esse caráter estético pode ser evidenciado pela maneira de operar as tecnologias e as ferramentas de trabalho, como cortar uma roupa, temperar um alimento, identificar o “ponto da carne”, por exemplo, que são maneiras de fazer ou o modo específico de operar um sistema.

O caráter ético das práticas, afirma Certeau (2008), refere-se à maneira como o agente da prática recusa ou não se identifica com a ordem que lhe é imposta. Trata-se de uma questão ética, pois recusar a lei ou os fatos implica abrir espaços para novas possibilidades, e as práticas, nesse contexto, se constituem como transformadoras da realidade social. “É uma vontade de existir” (CERTEAU, 1985, p. 8), evidenciando a historicidade das práticas cotidianas.

O caráter ético pode ser percebido no cotidiano organizacional quando os sujeitos se recusam a reproduzir as práticas de segregação racial ou de violência de gênero, por exemplo. Por isso, a dimensão transformadora das práticas na vida cotidiana implica recusar a ordem imposta, de modo que se estabeleçam estilos, maneiras de fazer ou modos específicos de operar o social. De acordo com Certeau (1985), o terceiro caráter das práticas é o polêmico. Esse caráter apresenta-se como defesa para a vida e como intervenção nas relações de força. Em uma relação, quanto mais fraco for o sujeito mais polêmico e mais inteligente ele deve ser, pois é necessário dar “bons golpes” nas ocasiões para a sobrevivência. Por isso, como afirma o autor, esse caráter polêmico possibilita compreender que práticas são específicas de determinado meio ou conjuntura. A ideia não é individualizá-las, mas compreender em que

conjuntura as maneiras de fazer são utilizadas pelos sujeitos sociais.

Práticas e cidades

As cidades se constituem espaços produzidos a partir de especificidades de determinada conjuntura que pressupõe um conceito de organização social (CERTEAU, 2008). Analisar como as organizações se constituem a partir das conjunturas sociais, culturais e econômicas das cidades é um caminho para compreender como as práticas se constituem nas organizações.

No campo dos Estudos Organizacionais, Nash (2018) afirma que considerar as cidades como campo de pesquisa possibilita-nos entender as experiências vividas nas relações de poder dentro das organizações, tendo em vista que as cidades são formas subjetivas, encarnadas e experimentais de pesquisar os lugares e espaços de organização. Dosse (2004) corrobora as ideias de Michel de Certeau ao afirmar que, no planejamento urbano, existe a necessidade de produzir um sujeito universal e anônimo para a ocupação da cidade, pois a própria natureza dessa cidade visa a ter esse suposto caráter universal.

Essa perspectiva da existência do sujeito universal sustenta a visão “desde cima” das cidades, por isso os idealizadores dessa visão transformam a vida cotidiana em um conceito de cidade com objetivo de estabelecer mecanismos de controle total da vida cotidiana (CERTEAU, 2008; DOSSE; 2004). Esse controle se configura como uma prática de silenciamento de lutas nas cidades, especialmente dos rastros das táticas dos sujeitos ordinários, assim como de suas diferentes formas de ocupação do espaço.

A cidade-conceito é a cidade idealizada onde há previsibilidade das ações dos sujeitos. Portanto, é uma forma própria de produzir lugares, assim como de capitalizar as temporalidades das cidades (CERTEAU, 2008). No campo da Administração, Saraiva e Carrieri (2012) já discutiram que essa cidade planejada é uma cidade com a vida social organizada.

Nesse processo de organização da cidade, o planejamento urbano da cidade-conceito também é apropriado pelos sujeitos ordinários que reconstituem seus traços de modo a deslocar seus limites e romper suas fronteiras. Certeau (2008) afirma que esse processo de resistência de ocupação da cidade pode ser compreendido pelo ato de caminhar por ela. Os traçados urbanísticos determinam onde os sujeitos devem caminhar, porém esses sujeitos produzem trilhas que escapam ao controle do planejamento (CERTEAU, 2008).

Ipiranga (2016) destaca que escapar da cidade-conceito é um processo dialético, tendo

em vista que nas cidades a ambiguidade entre proximidade corporal e distância social é uma das bases de sua constituição. Certeau (2008) afirma que esse processo de apropriação da cidade pode ser considerado análogo ao sistema linguístico. Caminhar é enunciar uma prática de reinvenção da ordem linguística imposta pelo conceito de cidade. Portanto, inscrever outros discursos sobre a cidade significa apropriar-se dos diferentes espaços existentes, o que implica compreender que a cidade é habitada, o cotidiano é vivido e os corpos encarnados (CERTEAU, 2008).

Na cidade discutida por Certeau (2008), quantificar seu cotidiano não ocorre somente para entender os deslocamentos para a sua ocupação, mas também pela capacidade de os sujeitos sociais reconfigurar as ambiguidades e as contradições que as constituem. Ao passo que a linearidade e regularidade das narrativas sobre as cidades ou as suas formas de deslocamento podem evidenciar diferenças em sua ocupação, os traços inventados pelos sujeitos sociais podem ser mecanismos de denúncia de que essas diferenças são, na realidade, desigualdades.

As festas ou os festivais nas cidades são uma das formas de acontecimento dessa inventividade. Caracterizadas como formas organizacionais, a realização de festas e festivais nas cidades marcam, de um lado, a tensão entre as dimensões linear e cíclica do tempo social, entre a reflexividade e a crítica social; por outro marcam o espetáculo de massa, problematizando consciência social por meio das noções de tempo, de comunidade e reflexividade (TORALDO; ISLAM, 2017).

De acordo com Oliveira e Calvente (2012), as festas são manifestações de como grupos sociais percebem, concebem e ocupam o contexto em que vivem de modo a suspender ou reforçar regras, diferenças ou desigualdades que só podem ser compreendidas *in loco*. Para as autoras, as festas evidenciam papéis políticos, expressões ideológicas e valores de trocas socioeconômicas de regulação social e constituição territorial na vida cotidiana. Nesse cotidiano vivido, os corpos dos sujeitos sociais também são produzidos e encarnados nas cidades. Por isso Certeau (2002b) destaca que o corpo é como a linguagem, em que não é possível encontrar “um corpo”, mas é possível compreender como a heterogeneidade social se produz e se inscreve nos corpos. De acordo com o autor, existe um esforço para colocar os corpos sob a lei de uma escritura das cidades, pois mantê-los submetidos às normas faz com que eles digam códigos. Nesse sentido, é possível controlar os corpos e sua circulação pelo espaço urbano, como pode ser observado na existência de calçadas para pessoas com mobilidade reduzida ou com algum tipo de deficiência, por exemplo. De acordo com Harding

(2002) esses códigos não dizem respeito apenas às questões biológicas (cor, tamanho, forma), mas também às produções sociais relacionadas ao corpo.

A socialização corporal manifesta-se fundamentalmente nas práticas, na mobilidade e nos mecanismos para ocupar e se orientar no espaço social. Como afirma Certeau (2002), o delinquente, o viajante, o caminhante deslocam-se com o objetivo de não viver não à margem, mas nos interstícios dos códigos que se desmancham e se deslocam, tendo o privilégio de construir percursos sobre o estado. Portanto, caminhar pela cidade é uma prática de encarná-la nos corpos dos sujeitos sociais, tornando-se uma prática controlada e dominada pelo conceito de cidade, onde os corpos dos sujeitos sociais serão corpos submissos ao planejamento urbano.

Para discutir como a cidade é habitada e o cotidiano é vivido, bem como os corpos encarnados podem se estabelecer e se interconectar, reconhecemos a relevância das festas na ocupação da cidade corroborando as ideias de Toraldo e Islam, (2017) e Oliveira e Calvente (2012). Na seção a seguir, apresentaremos como a pesquisa de campo foi realizada em um evento dos festejos de Páscoa na cidade de Goiás, Goiás: a procissão do Fogaréu.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi desenvolvido na cidade de Goiás, localizada no interior do estado de Goiás, reconhecidamente produtora de bens e serviços voltados ao campo da cultura. Por ser a cidade natal da escritora Cora Coralina, Goiás mantém um museu e um conjunto de pequenas organizações voltadas à manutenção e reprodução das contribuições da poetisa para o país. Em razão disso, Goiás promove diversos eventos culturais relacionados à literatura e abriga o Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA). A cidade mostra-se um campo de pesquisa profícuo para o desenvolvimento desta proposta de pesquisa, sendo possível debatermos questões relacionadas às organizações culturais de caráter permanente e compreendermos como os festivais e eventos sazonais impactam na dinâmica organizacional da cidade.

Com base em Clifford (2008), o estudo etnográfico foi realizado no centro histórico da cidade de Goiás, entre os anos de 2015 e 2017. A pesquisa foi desenvolvida a partir das observações participantes no centro histórico, na Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT), organização responsável pela mobilidade de atores e sujeitos sociais para a realização da procissão, e por entrevistas com empreendedores culturais que vendem seus produtos durante a realização das festividades.

A pesquisa foi desenvolvida por três pesquisadoras, sendo duas delas responsáveis pela realização das entrevistas com os empreendedores culturais e a terceira, pela realização das entrevistas com os responsáveis da organização do evento, bem como pelas observações participantes no centro histórico da cidade de Goiás.

Com base em Fontana; Frey (1994), foram realizadas entrevistas semiestruturadas durante o ano de 2015. Todas as entrevistas foram gravadas em formato MP3 e tiveram uma duração média de trinta minutos, sendo entrevistados 27 empreendedores culturais (DAVEL; CORA, 2014), cujos perfis estão resumidos no Quadro 1.

Para ter acesso aos entrevistados, inicialmente as pesquisadoras estabeleceram contato com a gestão cultural de um dos pontos de cultura localizado na cidade de Goiás. Com o apoio dessa gestão, a primeira entrevista foi realizada com uma empreendedora que atua no campo do artesanato; as entrevistas subsequentes foram realizadas com os sujeitos indicados por aqueles que já haviam sido entrevistados no decorrer da pesquisa. Os critérios de saturação adotados para a realização das entrevistas foram o geográfico e demográfico de ocupação do Centro Histórico pesquisado. Após todos os empreendedores e empreendedoras da região pesquisada terem sido entrevistados, a utilização dessa técnica de coleta de dados foi encerrada.

O roteiro de entrevistas foi estabelecido com base em três eixos de discussões, conforme as categorias teóricas utilizadas para a construção da pesquisa. O primeiro eixo se referia à construção das relações dos sujeitos com a cidade, em que foi possível identificar os elementos que os constituem, concomitantemente, como sujeitos e a localidade como cidade. O segundo eixo de discussões versava sobre a identificação das práticas cotidianas de realização de suas atividades e, por fim, o terceiro eixo discutia suas formas de ocupação das cidades.

As observações foram realizadas entre os anos de 2015 e 2017, tomando-se por referência DEWALTT; DEWALTT; 2011. Em 2015, as observações ocorreram no centro histórico da cidade de Goiás de modo a identificar as organizações culturais presentes e que ocupavam a localidade. Em 2016 e 2017, as observações ocorreram durante a realização da Procissão do Fogaréu, principal festa cultural da cidade. Ao todo, ocorreram 220 dias de observações e 220 registros nos diários de campo, tendo em vista que os relatos sobre os eventos que ocorriam na cidade eram registrados diariamente.

Optamos por observar o processo de ocupação do centro histórico da cidade de Goiás para a realização das observações. Os espaços de observação foram selecionados a partir da

identificação das rotas de ocupação dos moradores da cidade e pelas relações de amizade estabelecidas com os vilaboenses. Com isso, foi possível observar que de segunda a quinta-feira o centro histórico da cidade era ocupado como espaço de trabalho, tendo em vista que restaurantes e locais de prestação de serviços eram ocupados pelos que residiam na cidade. Foi possível observar também que os residentes tinham o hábito de se sentarem, após o almoço, nos bancos da praça do coreto para consumir sorvetes artesanais de sabores típicos do cerrado goiano, como de castanha de baru, comercializados no entorno da praça. Aos finais de semana, ocorria, na cidade, a formação de uma rota de ocupação que se iniciava nos restaurantes de comidas típicas, seguia nos bares, continuava em algum espaço de dança e encerrava-se no mercado público, onde os residentes iam tomar o café da manhã ou consumir bolinho de arroz, um dos pratos típicos da cidade.

Quadro 1– Sujeitos entrevistados durante a realização da pesquisa

Nome	Sexo	Área de atuação
André	Masculino	Patrimônio histórico (Procissão do Fogaréu)
Felipe	Masculino	Patrimônio histórico (Procissão do Fogaréu)
João	Masculino	Educação (Afoxé)
Raiana	Feminino	Artesanato
Josué	Masculino	Artesanato
Alexandrina	Feminino	Artesanato
Fabiana	Feminino	Artesanato
Raquel	Feminino	Artesanato
Ana	Feminino	Artesanato
Camila	Feminino	Artesanato
Laíssa	Feminino	Artesanato
Carol	Feminino	Artesanato
Karla	Feminino	Artesanato
Maria Clara	Feminino	Artesanato
Marizete	Feminino	Artesanato
Karine	Feminino	Artesanato
Daniele	Feminino	Artesanato
Vítor	Masculino	Culinária
Natália	Feminino	Culinária
Salete	Feminino	Culinária
Estela	Feminino	Culinária
Roberta	Feminino	Culinária
Fernanda	Feminino	Culinária
Anne	Feminino	Culinária
Izabela	Feminino	Culinária
Jaqueline	Feminino	Culinária
Érica	Feminino	Culinária

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir desse processo de ocupação da cidade observado entre os moradores da localidade, foi possível identificar que o principal movimento de ocupação do centro histórico

da cidade de Goiás ocorre durante a Procissão do Fogaréu, um dos festejos da Páscoa Cristã, realizada desde o ano de 1745. (DELGADO, 2005). Durante a semana em que se realiza essa produção cultural, na última quinta-feira antes do domingo de Páscoa para os cristãos católicos, a cidade de Goiás, de aproximadamente vinte e cinco mil habitantes, chega a ter cinquenta mil pessoas circulando pela localidade nesse período. Em 2017, a Procissão do Fogaréu foi realizada no dia 14 de abril e, no ano de 2018, no dia 28 de março.

A organização da Procissão do Fogaréu é de responsabilidade da Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT) e da Igreja Católica local, em conjunto com o poder público, tendo em vista que a procissão é objeto do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), produzido pelo Departamento de Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPI/IPHAN). O intuito dessas parcerias é a preservação da prática cultural característica da cidade e a atração de turistas a um dos principais eventos cuja dimensão econômica é muito relevante para a cidade de Goiás, que tem rendimento mensal médio *per capita* de meio salário mínimo, de acordo como dados do IBGE (2016).

A Procissão do Fogaréu é realizada durante a Semana Santa da Igreja Católica e reproduz o caminho percorrido pelos romanos para capturarem Cristo e levá-lo para a crucificação. Quarenta homens encapuzados, chamados de “Farricocos” (Figura 1), representam os perseguidores de Cristo e carregam tochas acesas pelas ruas da cidade ao som dos tambores da fanfarra. No dia da celebração, à meia-noite, todas as luzes do centro histórico da cidade de Goiás são apagadas e iluminadas pelas tochas dos “Farricocos” que, descalços, partem da Igreja da Boa Morte, circulam a pé por diversos pontos da cidade e retornam à mesma Igreja com “Cristo capturado”, representado por um manto desenhado com a face de Cristo.

Figura 1 – Farricoco



Fonte: EBC (2017)

A Procissão do Fogaréu faz parte de um conjunto de atividades que compõe a Festa da Páscoa na cidade . A escolha desse evento ocorreu, especialmente, pelo impacto socioeconômico que ele produz em Goiás e pela dimensão cultural que caracteriza essa atividade. Para a análise dessa festa, foram realizadas entrevistas com dois gestores que organizam esse evento (Quadro 1) e observações, entre os anos de 2015 e 2017, de como ocorreu a sua realização. Por se tratar de um evento organizado por uma ordem religiosa, é importante destacar que não foi possível participar de atividades mais específicas, sendo possível acompanhar somente a mobilização de recursos e, no dia do evento, a execução das atividades.

As análises interpretativas da relação entre a Procissão do Fogaréu e Goiás foram realizadas tendo por base práticas e cidades, categorias teóricas que orientaram a realização do estudo para a compreensão do processo de ocupação dessa localidade. Na próxima seção deste artigo, apresentaremos as discussões sobre essas categorias de análise a partir das evidências empíricas que foram produzidas durante a realização do trabalho de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na cidade de Goiás, desde o ano de 1745, durante os festejos da Páscoa, especificamente na Semana Santa da Igreja Católica, é realizada anualmente a Procissão do Fogaréu. Essa procissão reproduz o caminho que os romanos percorreram para capturar Cristo para a crucificação. Quarenta homens encapuzados, chamados de “Farricocos”, representam os perseguidores de Cristo e carregam tochas acesas pelas ruas da cidade ao som dos tambores da fanfarrã. No dia da celebração, à meia-noite, todas as luzes do centro histórico da cidade de Goiás são apagadas e iluminadas pelas tochas dos “Farricocos” que, descalços, partem da Igreja da Boa Morte, circulam, a pé, por diversos pontos da cidade e retornam à mesma Igreja com “Cristo capturado”.

Essa formalidade das práticas, que tem uma dimensão estética, se configura como estratégica, segundo Certeau (2008), visto que há uma apropriação dos espaços da cidade que produz lugares e capitaliza o tempo. A procissão ocorre somente nos locais que foram tombados pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade. Em relação ao tempo, a capitalização ocorre por meio de um “retorno” ao passado para garantir o futuro da cidade. Por isso, os objetos utilizados na procissão resgatam memórias da cidade, como as vestimentas dos “Farricocos” e o apagamento das luzes da cidade, para que se produza um ambiente semelhante ao do século XVIII.

Toraldo e Islam (2017) destacam que uma das características dessas organizações é a tensão temporal. Esse processo ocorre na festividade por meio da adoção de práticas que possibilitem um “retorno” ao passado, ainda que temporariamente, como o desligamento da energia elétrica nos locais onde a procissão ocorre, por exemplo. Conforme discutem Oliveira e Calvente (2012), essa prática possibilita desenvolver o sentimento de pertencimento a cidade de modo a potencializar o atrativo turístico da festa.

Como o evento é realizado pela Igreja Católica da cidade, três semanas antes de sua realização, nas celebrações nas Igrejas, os sacerdotes informam como será a dinâmica do evento, fato que tornou possível acompanharmos a realização da Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás entre 2015 e 2018. Os horários de realização das atividades eram definidos considerando o fluxo dos turistas na cidade, visto que, durante esse período, a população de Goiás tem um aumento de aproximadamente vinte e seis mil pessoas para próximo de cinquenta mil. Grande parte dos participantes da procissão reside na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, localizada a 140 quilômetros de distância da cidade de Goiás.

Conforme destaca Certeau (1985), a estética da prática diz respeito aos modos específicos de se colocar uma ordem em prática. A especificidade da prática de organização da procissão se constitui por meio da formalidade estratégica, em que a dimensão econômica se constitui como centralidade de organização do evento e de (re)organização do espaço urbano da cidade. Essa especificidade se constitui como materialidade, inclusive, nos horários do evento e dos festejos da Páscoa .

Oliveira e Calvente (2012) discutem que as festas podem ser compreendidas pelos valores das trocas socioeconômicas e pelos mecanismos de regulação social produzidas em sua constituição. Esse processo pode ser observado como os corpos dos sujeitos sociais encarnam essas trocas e regulações (CERTEAU, 2008). No caso da Procissão do Fogaréu, sua organização também é pautada na relevância que as trocas socioeconômicas produzem na cidade, especialmente pela presença de turistas. Por isso, o tempo de ocupação destes sujeitos sociais para a realização da festa é considerado para a organização da procissão.

Ao considerando as festas como organizações produzidas por práticas, a concretização de sua realização evidencia os sentidos de compartilhamento de símbolos locais inscritos nas expectativas de cada pessoa envolvida nesse processo (OLIVEIRA; CALVENTE, 2012), a exemplo dos turistas. Guarinello (2001, p. 972) caracteriza as festas como produções do cotidiano que:

[...] se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e

cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

Em virtude da dinâmica de movimentação dos turistas, o início das atividades do evento era planejado e a procissão organizada de modo que essas pessoas pudessem se deslocar até a cidade de Goiás para participarem dessas atividades e retornar, no mesmo dia, para a cidade de Goiânia. De acordo com registros no Diário de Campo de 2 de abril de 2017, uma semana antes do início das atividades, durante a Missa celebrada no domingo na Catedral da cidade de Goiás, o padre informou que as atividades começariam ao anoitecer, para que fosse possível a participação das pessoas que se deslocam de Goiânia para a procissão. Evidentemente, ele destacou a necessidade de adequação dos horários e das atividades do Fogaréu para que os turistas pudessem participar do evento.

As festas, portanto, são organizações que coadunam diferentes temporalidades, apesar de sua própria constituição ter um tempo limitado de realização, em uma estética de apropriação dos espaços sociais que reorganizam as cidades. Essa estética da prática de organização da procissão destaca elementos do estilo da cidade. Ao corroborar ideias de Certeau (1985) considerando estilo como as especificidades das práticas, esses elementos do estilo de produção da procissão reconhecem o outro, os turistas, como sujeitos transitórios na cidade. A seguir, abordaremos como esse estilo é reproduzido ao longo do tempo.

No dia da Procissão do Fogaréu, foi realizado, também, às 17 horas, o evento chamado de “Fogareuzinho”. Nesse evento, crianças das escolas da cidade de Goiás fazem uma parte do roteiro da Procissão do Fogaréu, utilizando as indumentárias e demais artefatos característicos do evento como forma de manter e reproduzir a tradição na cidade (Figura 2). Durante esse percurso, foi possível acompanhar a atividade e conversar com os responsáveis pelas crianças participantes do “Fogareuzinho”, que também ajudam na organização do evento, para compreender a sua dinâmica de funcionamento.

De acordo com Laura, mãe de Maria, uma das meninas que participam do Fogaréu, a realização do “Fogareuzinho” é relevante porque as crianças podem conhecer a história da cidade e manter uma prática cultural local. O “Fogareuzinho” torna-se uma vontade histórica não somente de existir, mas também de restaurar sua realidade socio-histórica. Por isso, reproduzir a procissão com as crianças é uma forma estratégica de capitalizar o tempo e produzir lugar para essa prática cultural na cidade (CERTEAU, 2008).

Em relação à dimensão religiosa das festas, Oliveira e Calvente (2012) destacam que essas organizações apresentam um caráter ideológico, pois a prática de comemorar algo

também é um movimento de conservação do que está na memória coletiva. No caso em análise, esse processo de conservação e reprodução da festa para manter a sua existência no tempo ocorre pela transmissão desse saber-fazer para as gerações mais novas. Para isso, as crianças participam de todas as fases de realização da festa, desde a confecção das roupas até a produção de seu próprio circuito de ocupação da cidade.

Figura 2 – Vestimenta de “Fogareuzinho”



Fonte: Acervo dos autores.

Entretanto, alguns turistas estranhavam as indumentárias utilizadas pelas crianças ou mesmo as utilizadas pelos adultos na procissão do Fogaréu e alegavam que eram semelhantes às utilizadas por um grupo racista estadunidense, causando-lhes desconforto ao se defrontarem com elas. Esse desconforto era confrontado pelo silenciamento dos moradores da cidade, que mudavam de assunto ou afirmavam não existir nenhum tipo de correlação entre as organizações quando turistas teciam esse tipo de comentário. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma tentativa de escapar e de questionar o ordenamento estético dos objetos. Ao passo que a estética da materialidade remonta a um aspecto de segregação, a recusa a esse ordenamento ocorre como forma de contextualizar essa materialidade com outros significados a partir das conjunturas culturais da cidade de Goiás (CERTEAU, 1985).

Esse estranhamento remete-nos às discussões propostas por Ipiranga (2016). De acordo com a autora, em uma cidade a dialeticidade pode ser observada pela ambiguidade entre

proximidade corporal e distância social de sua constituição. Ainda que a simbologia das indumentárias corporais pudesse ter um sentido de não segregação para os moradores na cidade, a leitura proporcionada pelas estruturas sociais mais amplas produzia esse entendimento de distância social.

A Procissão do Fogaréu, realizada Sexta-Feira Santa para a Igreja Católica, é uma das festas mais esperadas do circuito do turismo cultural de Goiás, tanto pelo simbolismo da festividade quanto pela movimentação econômica. Ainda que essa movimentação não seja efetivamente analisada pelos empreendedores, é evidente o impacto da procissão na cidade, visto que as pessoas se amontoam nos becos do centro histórico para comer, participar da procissão e das demais atividades que ocorrem na cidade. É importante destacar que esse movimento se inicia duas horas antes do início da procissão e cessa pela manhã do dia seguinte, quando a maioria dos turistas que ainda permaneceu em Goiás retorna para Goiânia, capital do Estado.

A maioria dos turistas relata que permanece na cidade de Goiás por aproximadamente vinte e quatro horas e que não permanece por mais dias devido à falta de estrutura, especialmente em relação à hospedagem e à alimentação. Em relação à hospedagem, os turistas relatam que pousadas e hotéis da cidade não têm estrutura, especialmente por não oferecerem temperatura ambiente nas acomodações. Já em relação aos restaurantes e bares, os turistas questionam os horários de funcionamento, visto que nos finais de semana e feriados o horário de funcionamento destes serviços era reduzido em relação à Goiânia.

Certeau (2008) destaca que o caráter polêmico das práticas diz respeito à sua inscrição em relações de forças. Essas relações podem ser observadas nas diferentes formas de capitalização do tempo que estão em jogo na realização da procissão. Para os turistas que destacavam as diferenças em relação à experiência temporal nas duas cidades, houve uma tentativa de capitalizar o tempo local para que as fronteiras do cotidiano fossem dissipadas, mas não houve percepção desse conflito com os moradores, uma vez que fazer turismo também significa compreender a vida cotidiana local.

Domingues, Fantinel e Figueiredo (2019) afirmam que esse processo dialético destacado por Ipiranga (2016) também evidencia a lógica de articulações entre os sujeitos sociais que possibilitam a determinação da concepção do espaço social. Então, nesse jogo entre Estado, moradores da cidade e turistas há conflitos explícitos ou não explícitos que determinam os horários de funcionamento das atividades durante a realização da festa, por exemplo.

Sendo assim, é possível compreender que o caráter estético das práticas de organização da procissão produz um estilo, ou seja, um modo específico de (re)organizar a cidade, onde a capitalização estratégica de reprodução das práticas culturais enfatiza a conjuntura da vida cotidiana nessa localidade. Por isso, há uma preocupação em estruturar a cidade para a recepção dos turistas e preservar a vida cotidiana local como pode ser observado na adequação do tempo para a realização da procissão e na percepção dos turistas.

Conforme destaca Certeau (1985), há uma dimensão ética das práticas que possibilita compreender o jogo das relações de forças que produzem o cotidiano da vida social. No caso da cidade de Goiás, a conjuntura cultural local, ou seja, o caráter polêmico destas práticas, segundo Certeau (2008), é estabelecido de modo estratégico em relação à produção dos lugares nessa localidade, como a delimitação da procissão aos locais tombados como patrimônio cultural da humanidade, e tático no sentido de que essa adaptação ao outro é adequada aos modos de vida locais.

CONCLUSÃO

O entendimento de Certeau (1985) de que as práticas devem ser pensadas a partir de seu caráter estético, ético e polêmico, possibilitou-nos refletir, em termos organizacionais, como as práticas de organização reconfiguram os espaços das cidades, ainda que temporariamente, para produzir lugares comuns a partir da capitalização do tempo, especialmente em eventos festivos. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como as práticas de organização da Procissão do Fogaréu influenciam a organização da cidade de Goiás, no estado de Goiás, sendo possível identificar que, na procissão, a capitalização do tempo foi a dimensão de principal influência da (re)organização da cidade.

Essa capitalização do tempo ocorre articulada com base na dinâmica das trocas socioeconômicas que ocorrem entre Estado, moradores da cidade e turistas. Se as festas são organizações, ainda que ocorram de forma temporária, essas temporalidades são negociadas de modo a evidenciar a concepção de espaço da cidade e de comunidade. Por isso, quanto maior a tentativa de integrar essas temporalidades mais as contradições entre elas se evidenciam, como o horário de funcionamento dos restaurantes na cidade.

Na área de Administração, discute-se sobre a compreensão do tempo nos processos organizativos; quando essa categoria é pensada em termos de conjunturais locais, conforme discute Certeau (2008; 1985), há um conjunto de especificidades que devem ser consideradas nessas análises, sendo a primeira delas refletir em que contexto urbano as organizações estão

inseridas. No caso da cidade de Goiás, para a realização da festa da Páscoa, é preciso pensar como reproduzir as práticas culturais do início do século XVIII no século XXI, de modo que essa reprodução possibilite uma coexistência de passado, presente e futuro. Por meio da dimensão estética das práticas, o passado deve ser considerado para produzir um estilo para a cidade; no presente, deve-se refletir como esse estilo pode impactar no desenvolvimento socioeconômico da localidade; e, no futuro, como garantir que essa procissão seja mantida ao longo do tempo.

As festas são organizações que evidenciam e medeiam as contradições e ambiguidades da vida cotidiana nas cidades. Portanto, os silenciamentos também devem ser entendidos como parte desse processo de construção organizacional, como ocorre, por exemplo, com a construção da narrativa da festa, que se aproxima da colonização europeia e silencia as tensões raciais na localidade em estudo, haja vista a escravização da população negra e o extermínio de diferentes etnias indígenas em nosso país. Como afirma Ipiranga (2016) sobre as cidades, festas também são organizações que possibilitam a construção de proximidades corporais, sem necessariamente desconstruir as distancias sociais.

A estética da prática temporal é pensada em termos de materiais e ambientação da procissão, como se observa na cessão da energia elétrica e na utilização de tochas de fogo, a exemplo do século XVIII, assim como nas vestimentas dos Farricocos. A estética do presente, na prática de capitalização do tempo, é estabelecida a partir dos horários para a realização do evento, de modo que seja adequada aos potenciais turistas. E o futuro é a articulação com as escolas e a participação dos estudantes no evento, de modo que a procissão faça parte do cotidiano dos moradores.

Em eventos com a dimensão temporal não fixa linearmente, foi possível identificar que o caráter estético, o caráter ético e o caráter polêmico das práticas de organização são articulados pela capitalização do tempo, ou seja, de forma estratégica (CERTEAU, 2008). Essa proposição teórica foi discutida em um evento específico de festejos religiosos de tradição católica, em uma pequena cidade no Brasil. Estudos futuros podem ser desenvolvidos em outros eventos festivos, de caráter não religioso e até mesmo transitório, de modo que seja possível identificar se a categoria tempo apresenta centralidade em festas não tradicionais, podendo nos auxiliar a compreender o caráter de mobilização e resistência local na realização desses processos organizativos, assim como nas reconfigurações de comunidade locais para que esses processos sejam efetivados.

O uso de tecnologias é outro aspecto importante a ser discutido a partir das proposições

apresentadas neste artigo, especialmente como as tecnologias móveis, por exemplo, podem possibilitar outras experiências temporais em eventos de curta duração, como as festas tradicionais.

REFERÊNCIAS

- BIGO, V. On Silence, Creativity and Ethics in Organization Studies. *Organization Studies*, v. 39, n. 1, p. 121–133, 2018.
- BRUTTOMESSO, E. Making sense of the square: Facing the touristification of public space through playful protest in Barcelona. *Tourist Studies*, v. 18, n. 4, p. 467–485, 2018.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: SZMRECSANYI, M. I. (Org.). *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano*. São Paulo: FAU/USP, 1985. p. 3–17
- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- COURPASSON, D. The Politics of Everyday. *Organization Studies*, v. 38, n. 6, p. 843–859, 2017.
- COURPASSON, D.; DANY, F.; DELBRIDGE, R. Politics of place: The meaningfulness of resisting places. *Human Relations*, v. 70, n. 2, p. 237–259, 2017.
- DAVEL, E.; CORA, M. A. J. Empreendedorismo Cultural: construindo uma agenda integrada de pesquisa. In: Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, VIII, 2014, Goiânia. *Anais...* Goiânia: EGEPE, 2014.
- DELGADO, A. F. Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”. *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 23, 2005.
- DEWALT, K. M.; DEWALT, B. R. *Participant observation: a guide for fieldworkers*. Toronto: Altamira Press, 2011.
- DOMINGUES, F. F.; FANTINEL, L. D.; FIGUEIREDO, M. D. Between the conceived and the lived, the practiced: the crossing of spaces at the arts and crafts fair of Namorados Square in Vitória/ES, Brazil. *Organizações & Sociedade*, v. 26, n. 88, p. 28-49, 2019.
- FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, v. 22, n. 5, p. 1240–1253, 2011.
- FENTON, C.; LANGLEY, A. Strategy as Practice and the Narrative Turn. *Organization Studies*, v. 32, n. 9, p. 1171–1196, 2011.
- FONTANA, A; FREY, J. H. Interviewing: the art of science. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, 1994, p. 546-670.
- HARDING, N. On the manager’s body as an aesthetics of control. *Tamara: journal of critical postmodern organization sicense*, v. 2, n. 1, p. 63–76, 2002.
- HODDER, I. The interpretation of documents and material culture. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) *The sage handbook of qualitative research*. London: Sage, 2005. p. 393-402.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBEG]. *Cidades*. Brasília: IBGE, 2010. Acessado em 10 de agosto de 2014.
- NASH, L. Performing Place: A Rhythmanalysis of the City of London. *Organization Studies*, 2018.
- OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. Paixão pela arte ou arte pela paixão? Etnografando práticas e emoções no processo organizativo de um circo no Canadá. *Revista de Administração da UFSM*, v. 11, n. 5, p. 1344-1360, 2019.

_____. Os Circos Contemporâneos como Heterotopias Organizacionais: uma etnografia multissituada no contexto Brasil-Canadá. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 21, n. 2, p. 142-162, Mar. 2017.

OLIVEIRA, A. N.; CALVENTE, M. C. M. H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. *Interações*, v. 13, n. 1, p. 81-92, 2012.

ORTMANN, G.; SYDOW, J. Dancing in chains: Creative practices in/of organizations. *Organization Studies*, v. 39, n. 7, p. 899-921, 2018.

REZENDE, L.; OLIVEIRA, J. S.; MENDES, E. C. L. Compreendendo o Corpo a partir das Práticas de Organização: etnografia de uma organização artesanal. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 17, n. 1, p. 35-53, 2018.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. *Revista de Administração Pública*, v. 46, n. 2, p. 547-57, 2012.

TORALDO, M.-L.; ISLAM, G. (2019). Festival and Organization Studies. *Organization Studies*, v. 40, n. 3, p. 309-322, 2019.

TSOUKAS, H. Strategy and virtue: Developing strategy-as-practice through virtue ethics. *Strategic Organization*, v. 16, n. 3, p. 323-351, 2018.